

A Filosofia entre a Fábula e o Verso

O Prefácio à *Poesis Philosophica*, de Henri Estienne

Rafael Viegas¹

Walace Pontes de Mendonça²

Resumo: Este artigo apresenta uma tradução anotada do *Prefácio à Poesis philosophica* (1573), de Henri Estienne II. A *Poesis* é a primeira antologia impressa de fragmentos dos primeiros filósofos gregos, hoje associados ao campo “pré-socrático”. Não apenas uma peça dedicatória protocolar, o *Prefácio* de Estienne funciona como uma intervenção teórica sobre o estatuto da poesia filosófica antiga. Sua questão central é saber se textos como os de Empédocles e Parmênides, por tratarem da filosofia natural e carecerem de *fabula* no sentido poético estrito, devem ser considerados poesia, versificação ou outra forma discursiva. Podemos ver que sua análise situa esse problema no cruzamento entre Aristóteles, Plutarco, Cícero, Horácio, a recepção humanista da *Poética* de aristotélica e a defesa renascentista da utilidade dos autores pagãos. Por fim, ressalta-se como a figura de Empédocles, entre física, poesia, relíquia textual e tradição fabulosa, condensa a tensão que organiza todo o *Prefácio*.

Palavras-chave: Henri Estienne. *Poesis philosophica*. Poesia filosófica. Empédocles. Pré-socráticos.

Abstract: This article presents an annotated translation of Henri Estienne II's *Preface* to the *Poesis philosophica* (1573). The *Poesis* is the first printed anthology of fragments by the early Greek philosophers now associated with the “Presocratic” field. Far from being merely a conventional dedicatory piece, Estienne's *Preface* functions as a theoretical intervention into the status of ancient philosophical poetry. Its central question is whether texts such as those of Empedocles and Parmenides, insofar as they deal with natural philosophy and lack *fabula* in the strict poetic sense, should be considered poetry, versification, or some other discursive form. Estienne's analysis situates this problem at the intersection of Aristotle, Plutarch, Cicero, Horace, the humanist reception of Aristotle's *Poetics*, and the Renaissance defense of the utility of pagan authors. Finally, the article emphasizes how the figure of Empedocles, between physics, poetry, textual relic, and fabulous tradition, condenses the tension that organizes the entire *Preface*.

Keywords: Henri Estienne. *Poesis philosophica*. Philosophical poetry. Empedocles. Presocratics.

¹ Pós-Doutorando em Filosofia Antiga no PFI-UFF e em História Moderna no PPGHIS-UnB. ORCID: 0000-0002-8432-1957. Lattes: 6662051684830434.

² Doutorando em Letras Clássicas no PPGLC-UFRJ. ORCID: 0000-0001-5856-0391. Lattes: 0532708787185708.

Introdução

Henri Estienne II (1528-1598) passou os primeiros 23 anos de vida em Paris, no confortável ambiente intelectual de sua família, humanistas ligados ao ramo da edição, e sob forte influência de seu pai, Robert Estienne, impressor oficial do rei da França para o latim e o hebraico (em 1539) e para o grego (depois de 1542)³. O jovem Henri aprendeu grego antes do latim, e desde muito cedo manteve diálogo com humanistas como Pierre Danès e Adrien Turnèbe. Aos 17 anos trabalhava na colação das *Antiquitates Romanae*, de Dionísio de Halicarnasso, publicada por Robert Estienne em 1546.

Com o recrudescimento da Reforma na França, e com a cisão confessional do meio humanista francês, os Estienne deixaram Paris em 1551, levando parte de seu material tipográfico, incluindo os famosos caracteres gregos (*greco du roi*) elaborados por Claude Garamond, e fixaram-se em Genebra, onde sua oficina se integrou ao espaço reformado. Podemos considerar a atividade de Henri Estienne II não exatamente como genebrina nem como parisiense: tornou-se, como diversos outros casos franceses da segunda metade do século XVI, um humanista “exilado”, deslocado para Genebra pela crise confessional francesa. Sua produção editorial é de alto nível, tanto intelectual quanto do ponto de vista tipográfico. Entre muitos projetos, preparou e publicou o mais importante léxico de grego antigo impresso na Europa até o século XIX, o *Thesaurus Graecae Linguae*, de 1572. E ao menos uma de suas obras é referência para todos os estudiosos de Filosofia: é dele a famosa edição bilíngue (grego-latim) das *Obras Completas* de Platão, publicada em 1578 com seu nome latino (Henricus Stephanus), e que fornece o sistema de paginação com números e letras usado para identificar as obras platônicas até hoje.

A *Poesis philosophica* (1573) é a primeira coleção de “fragmentos pré-socráticos” que se conhece. Seria mais justo dizer que se trata da primeira antologia impressa de fragmentos de poemas filosóficos de autores gregos, que posteriormente ganharão a alcunha de “pré-socráticos”⁴. Em 1573, a filosofia

³ Não confundir o Estienne, tratado aqui, com seu avô, Henri Estienne I (1470-1520), humanista e também impressor-livreiro. Para os Estienne, as biografias são vetustas, mas ainda úteis: ver Feugère, 1853; Clément, 1898; Armstrong, 1954. Para aspectos mais propriamente ligados à obra e à produção bibliográfica, ver Joukovsky, 1988.

⁴ Evidentemente, dizer que se trata de uma coleção de “fragmentos pré-socráticos” é exagerar seu sentido e seu escopo e aplicar à obra um conceito (“pré-socrático”) que, surgido no final do século XVIII, será popularizado apenas no século XIX. A *Allgemeine Geschichte der Philosophie* [História Geral da Filosofia]

grega, ao menos no que diz respeito ao cânone clássico, estava já bem representada na produção dos editores humanistas. As *editiones princeps* de Aristóteles (1495-1498, nesse momento publicadas sem a *Retórica* e a *Poética*⁵) e de Platão (1513), bem como a dos *Moralia* de Plutarco (1509), a da *Isagoge*, de Porfírio (1495), todas editadas por Aldo Manúcio em Veneza; a tradução das *Enéadas* de Plotino (vertidas para o latim por Marsilio Ficino, 1492)⁶; o *Enchiridion*, de Epicteto (1528), por Johannes de Sabio; o *Anthologium*, de Estobeu (1532) e as *Vidas* de Diógenes Laércio (1533), ambos por Frobenius; os *Discursos*, de Epicteto (1535); diversos tratados de Teofrasto (1557, pelo próprio Henri Estienne)⁷; a *editio princeps* das *Meditações* de Marco Aurélio (1559, por Andrea Gesner, em Zurique), entre tantos outros textos fundamentais, possibilitaram, junto às comunidades humanistas europeias, o estudo das grandes obras, *em grego*, dos filósofos gregos.

É preciso notar, porém, que a transmissão da filosofia antiga nunca dependeu apenas da edição de obras completas, mas sobretudo da recuperação de passagens conservadas em autores posteriores. Citações, testemunhos, paráfrases, anedotas e excertos constituíam, nesse contexto, uma parte essencial do trabalho filológico: era por meio desses procedimentos que textos perdidos podiam ser parcialmente reconstituídos e reintegrados ao horizonte de leitura humanista. Neste sentido, durante o século XVI, a filosofia grega antiga não foi propriamente “redescoberta”: mais acertado seria dizer que ela foi materialmente reconstituída por meio de impressões preparadas por diversos helenistas a partir de diferentes manuscritos (introduzidos por vários eruditos bizantinos), em sinergia com traduções latinas, excertos, florilégios, edições bilíngues e ajustes os mais diversos entre os testemunhos diretos e indiretos.

Isso permite ligar a *Poesis* a um regime editorial muito amplo e bem estabelecido. O trabalho de Estienne, embora pioneiro no que diz respeito aos pré-socráticos, é fruto de uma dinâmica já em curso, que unia o conhecimento

(1788), de Johann Eberhard, será a primeira obra moderna a utilizar o termo, na expressão “vorsokratische Philosophie [filosofia pré-socrática]”, para definir, como um conjunto comum, o estado da filosofia anterior a Sócrates (Cf. Eberhard, 1788, p. 47). Para a história do conceito, ver Laks, 2018. Utilizaremos a alcunha “pré-socrática” para o material apresentado por Estienne por comodidade, sob a ressalva de seu anacronismo.

⁵ Que serão publicadas por Aldo mais tarde, em 1508.

⁶ A *editio princeps* (em grego, acompanhada da tradução latina de Ficino) sairá em Basileia, 1580, editada por Pietro Perna.

⁷ Os *Characteres* foram publicados em 1527, por Johannes Petreius (Basileia).

do grego, o cruzamento do ensino filosófico adquirido, sobretudo em latim, com os novos textos gregos editados em um amplo cânone de autores antigos.

Por esse motivo, é fácil perceber que a *Poesis philosophica* é um trabalho de erudição e de apurado conhecimento das fontes antigas, reunindo extratos de segunda mão retirados de obras distantes entre si no tempo e muito diferentes em seus respectivos objetivos: do *De respiratione*, de Aristóteles, aos *Stromates* de Clemente de Alexandria, passando pelas *Vidas* de Diógenes Laércio, por obras de Galeno, Plutarco, entre muitos outros. Dado que uma antologia similar (e mais completa), preparada por Joseph Justus Scaliger no final do século XVI (e que incluía uma excelente edição do poema de Parmênides), nunca foi publicada⁸, a *Poesis* de Estienne permaneceu como um marco para a leitura de autores como Empédocles, Heráclito, Xenófanes, Pitágoras, Demócrito, entre outros, até o século XIX⁹.

O escopo da *Poesis* precisa, porém, de esclarecimento, uma vez que seu título é mais restrito do que o conteúdo real da obra¹⁰. A *Poesis* reúne, primeiro, fragmentos de poetas-filósofos propriamente ditos; depois, textos atribuídos a Orfeu e figuras mítico-teológicas; por fim, entre outros fragmentos, passagens e cartas de Heráclito e Demócrito, em prosa. A insistência na heterogeneidade do material também é evidente: Empédocles, Parmênides, Xenófanes, incluindo também filósofos helenísticos, Epicarmo, material órfico¹¹. Mesmo aceitando, anacronicamente, a atribuição de uma coletânea “pré-socrática”, ela só se apresenta assim parcialmente: na verdade, seu objeto imediato é mais propriamente a poesia filosófica antiga – apresentada em suas “reliquias”.

O termo *reliquiae* define o caráter da coleção. A *Poesis* não é uma doxografia, quer dizer, uma coletânea de *placita*, de opiniões de filósofos posteriores sobre seus antecessores¹². Também não é uma coletânea exaustiva

⁸ Para a edição manuscrita de Scaliger do *Poema* de Parmênides, ver Cordero, 1982.

⁹ Os *Adagia* de Erasmo contêm diversas passagens de autores “pré-socráticos” (especialmente Empédocles, Parmênides e Xenófanes), mas o caráter gnômico da obra, bem como a heterogeneidade das fontes (hebraicas, gregas, latinas e vernáculas), não lhe fornece a unidade necessária para se constituir como uma antologia consistente a quem desejasse acessar e compreender as doutrinas desses filósofos antigos. Cf. Eigler, 2022.

¹⁰ Primavesi, 2011.

¹¹ Eigler, 2022.

¹² É esse o sentido que Diels impõe à sua recolta de fragmentos nos *Doxographi Graeci* (1879): não todo e qualquer fragmento, mas aqueles que, em uma tradição que remontaria, segundo Diógenes Laércio, aos dezoito livros das *Φυσικῶν δόξων* [Opiniões Físicas] de Teofrasto (*Vidas*, V, 48), agregariam as *doxai* [opiniões] dos filósofos anteriores em certos tópicos e categorias temáticas. Os *placita*, embora fragmentários, não são colhidos ao acaso ou por conta de um *recensio* total e exaustiva: são os excertos escolhidos por determinadas questões preestabelecidas (no caso de Teofrasto, a respeito de questões

de todo e qualquer fragmento sobre os filósofos escolhidos: a escolha exclusiva do grego, mesmo indicando no *Prefácio* passagens em latim que poderiam constar na recolta de fragmentos, é um bom indício de sua delimitação¹³.

Nesse regime, a epístola dedicatória que constitui o *Prefácio* não é mero protocolo preliminar: ela é o lugar no qual Estienne, efetivamente, anuncia a forma da sua coleção. Trata-se de uma verdadeira intervenção teórica, mediada por uma questão simples e literalmente enunciada no texto: saber se poemas filosóficos, especialmente os de Empédocles e Parmênides, podem ser considerados poesia verdadeira. O *Prefácio* funciona, nesse aspecto, como uma grande prolepse: apresenta o problema, que a coleção ela mesma constitui, mas evita antecipar todo o resultado, pois a confirmação deve vir da leitura dos próprios fragmentos¹⁴.

O eixo interno dessa discussão é definido por questões que aparecem em diversos autores antigos (Aristóteles, claro, mas também Horácio, Plutarco, Cícero): utilidade/deleite, presença ou ausência de *mythos-fabula*, versificação/poesia; e, claro, a respeito da forma de exposição da primitiva filosofia, particularmente da física, quer dizer, da filosofia natural¹⁵.

Por conta desses fatores, o *Prefácio* também não é uma defesa puramente técnica da *filosofia* antiga, reunindo fragmentos de filósofos com questões comuns entre si e instaurando um debate filosófico sobre seus conceitos intrínsecos (*arkhé*, *physis*, o “ser” etc.). A reunião desses fragmentos é justificada através de uma controvérsia mais ampla, relativa ao estatuto e ao valor dos *poemas filosóficos*: em última análise, se textos como os de Empédocles e Parmênides, por tratarem de filosofia natural e por carecerem de *fabula* no sentido poético estrito, devem ser chamados de poesia, de versificação ou de outra coisa.

“físicas”, i.e., de filosofia natural). Em *Die Fragmente der Vorsokratiker* [Os Fragmentos dos Pré-Socráticos] (1903), a proposta de Diels é diferente, mista, visando também a exaustividade, ainda que não plenamente realizada. Para a evolução do conceito de doxografia dos *placita* para a noção mais geral de coletânea, ver Mansfeld, 1990; Runia, 1997; e Mansfeld, 2018.

¹³ No *Prefácio*, como se verá, Estienne cita fragmentos latinos de Lucrécio e Horácio sobre Empédocles, mas eles não constam do conjunto de *reliquiae* estabelecido (sempre em grego) por ele na edição. Vê-se, portanto, que Estienne também está distante de tentativas de compilações “completas” como as de Friedrich Mullach, nos *Fragmenta philosophorum graecorum* (1860), que decretava, categoricamente, em relação aos pré-socráticos: “tudo aquilo que, dos fragmentos, ‘jaz oculto nos escritos de outros’ deve ser reunido, disposto sob o nome de cada autor e compreendido em um ou mais volumes” (Mullach, 1860, vol. 1, p. i).

¹⁴ Primavesi, 2011, p. 156-157.

¹⁵ Aristóteles, como se sabe, denominava esses filósofos como “físicos” (*Física*, III, 4. 203 b 6).

Essa última questão, na verdade, é aristotélica¹⁶. Aristóteles se pergunta se o “poético” se refere ao metro ou ao conteúdo de certas narrativas, em uma passagem no início da *Poética*. O exemplo é justamente Empédocles, considerado, neste caso, enquanto físico, como um *versificador*, mas não um *poeta*.

À exceção daqueles homens que relacionam a composição poética à métrica e assim nomeiam uns de poetas elegíacos, outros de poetas épicos, designando-os [15] pelo nome comum à métrica utilizada e não em função da mimese efetuada. De fato, tem-se o costume de nomear desse modo aqueles que expõem, por meio da métrica utilizada, uma questão médica ou científica; mas não há nada em comum entre Homero e Empédocles, exceto a métrica; eis porque designamos, com justiça, um de poeta (ποιητην), o outro de naturalista (φυσιολόγον) em vez [20] de poeta. (*Poética*, 1447b10-20. Ver Aristóteles, 2015, p. 43-44).

Os primeiros comentadores da *Poética* no século XVI, todos italianos, também analisaram ou utilizaram essa passagem para ilustrar a questão do poético¹⁷. Francesco Robortello, que escreveu o primeiro comentário pré-moderno completo, seção a seção, da *Poética* (*In librum Aristotelis De Arte Poetica Explicationes*, 1548), é categórico quanto ao critério fundamental do “poético” ser a imitação: *Poetas appellari ab imitatione, non a metro* [Os poetas são assim chamados pela imitação, não pelo metro]. E o descredenciamento de Empédocles enquanto poeta, em seu texto, é apresentado de maneira silogística: *Homerus imitatur; ergo poeta. Empedocles non imitatur, quamvis versu scripserit res physicas. Ergo non est poeta* [Homero imita; logo, é poeta. Empédocles não imita, embora tenha escrito sobre coisas físicas em versos. Logo, não é poeta]¹⁸.

Mas a posição de Ludovico Castelvetro (1505-1571), na *Poetica d’Aristotele Vulgarizzata e Sposta* (1570), publicada três anos antes da coletânea de Estienne, é

¹⁶ O texto grego da *Poética* de Aristóteles foi publicado por Aldo Manúcio em 1508. Embora algumas traduções para o latim, de qualidade variável, tenham circulado, desde o século XII, incluindo uma tradução latina do humanista Lourenço Valla, em 1498, foi somente com a difusão da edição aldina e a tradução para o latim de Alexandre Pazzi (1536) que a *Poética* aristotélica municiou os debates humanistas nas décadas seguintes.

¹⁷ É preciso notar que a primeira recepção da *Poética*, sobretudo no caso da França, é muito influenciada pela Retórica e foi lida na perspectiva da *Arte Poética*, de Horácio.

¹⁸ Cf. Robortello, 1548, p. 14. Robortello transcreve o texto grego, mas não oferece uma tradução original: reproduz a tradução de Alexandre Pazzi (1536) e a confere pontualmente com a tradução de Valla (1498). Para o que interessa aqui (o comentário à seção 1447a.28-1447b.23 da *Poética*), ver Robortello, 1548, p. 12-16.

mais complexa e sofisticada¹⁹. Ele também parte de Empédocles, mas amplia a discussão para os latinos (“Lucrezio, Nicandro, Sereno, Arato, Manílio”) até chegar ao seu próprio tempo (“Fracastoro nel suo *Sífilo*”, “Pontano nell’*Urania*”) e assinalar que o debate sobre imitação/metro, que “turbati gli ‘ngegni de’ più famosi uomini di lettere de’ nostri tempi” não pode ser simplificado com apenas um exemplo:

Mas, porque Aristóteles diz que não é matéria poética a ciência das coisas naturais, ensinada por Empédocles em versos, nem a arte da música, nem a da medicina, recolhemos de sua afirmação uma conclusão não obscura: que nenhuma ciência nem arte pode ser matéria conveniente da poesia, nem deve ser exposta em verso. E abaixo recolheremos outra conclusão de suas palavras: que a história de coisas acontecidas não pode fornecer matéria conveniente à poesia. Essas duas conclusões perturbaram intensamente os engenhos dos mais famosos homens de letras de nossos tempos. Pareceu-lhes coisa excessivamente má que Nicandro, Sereno, Jerônimo Fracastoro, os quais, com alguns outros, escreveram sobre medicina em versos; que Arato, Manílio, Giovanni Pontano, os quais, com certos outros, trataram de astrologia em versos; que Empédocles e Lucrécio, os quais examinaram as coisas da natureza em versos; que Hesíodo e Virgílio, que mostraram a arte de cultivar a propriedade rural em versos; e que Lucano, Sílio Itálico e Jerônimo Fracastoro, com muitos outros, que tomaram histórias acontecidas para escrever em seus poemas, não devam ser considerados como tendo feito bem e percam a glória e o nome de poeta por terem errado na escolha do assunto (Castelvetto, 1978, p. 43).

Castelvetto, porém, é favorável à posição de Aristóteles, e chama “Empédocles, Lucrécio, Nicandro, Sereno, Jerônimo Fracastoro em seu *Sífilo*, Arato, Manílio, Giovanni Pontano na *Urania*, Hesíodo e Virgílio, no *Cultivo da propriedade rural* (i.e., as *Geórgicas*)” de “*versificatori*” – mesmo que, no caso particular de Empédocles, tenha de admitir, com Cícero, que aquele fez um “notável poema”²⁰.

¹⁹ Edição crítica moderna em Castelvetto, 1978.

²⁰ “Pois, se alguém, sendo excelente em alguma arte e faculdade, assumir também para si outra arte, fará com que aquilo que souber além disso pareça ser uma certa parte daquela em que se distingue. Por essa razão, poderíamos dizer que jogar bem à bola e jogar bem o *duodecim scripta* pertence propriamente ao direito civil, já que Públio Múcio praticou ambas as coisas excelentemente. Pela mesma razão, aqueles que os gregos chamam φυσικοί seriam chamados também poetas, já que Empédocles, sendo físico [*Empedocles physicus*], compôs um notável poema [*egregium poema fecerit*].” (Cf. *De Oratore*, I, 50, 217. Ver Cícero, 1969, p. 84). Ver a citação de Cícero em Castelvetto, 1978, p. 48-49. Interessante notar que, para os latinistas, a “nova autoridade” de Aristóteles poderia conflitar, em algum grau, com a “velha autoridade” de Cícero. Esse mesmo trecho será utilizado por Estienne – ver nossa tradução abaixo.

Deste modo, como Castelvetro indica, não se trata de uma evolução qualitativa entre a geração de Robortello à sua: as posições estão longe de serem unívocas nessa matéria. No entanto, nos tratados italianos que trazem a posição aristotélica a respeito da questão imitação/metro na definição de poético, ela não é, em geral, frontalmente confrontada: quase sempre, o “poético” permanece como algo que não se define apenas pelo verso e, no caso de Empédocles, frequentemente citado como parâmetro, não há, de fato, “poesia”²¹.

O *Prefácio* de Estienne, por sua vez, fala não de *imitação*, mas da presença ou não de histórias [*fabulae*] quando aponta para o que seria poético nos textos da sua coletânea. A terminologia muda, mas a posição de Estienne não é nem dogmática, nem doutrinal, e evita se colocar no papel de tomar partido ou apenas expor os argumentos pró e contra: ela conduz o leitor à necessidade de examinar os próprios fragmentos. Essa seria uma das funções das *reliquiae*: fornecer aos leitores contemporâneos (os que dominavam o grego, claro) a capacidade de julgar, por si mesmos, a qualidade (poética ou não) da filosofia antiga em sua língua original.

A decisão sobre os poemas serem ou não poéticos permanece tecnicamente, portanto, em aberto. Em todo caso, na França quinhentista, o ambiente da teoria poética é muito diverso do descrito acima. Nesse período, a tradição francesa de artes poéticas permanece fortemente marcada pela formação retórica, não por uma absorção direta e técnica da *Poética* aristotélica como ocorre no ambiente italiano²². A discussão sobre a poesia filosófica existe no meio francês, mas se dá antes pelos latinos, em especial Lucrécio, e pela poesia científica e didática. Fortemente influenciada por Horácio, a teoria poética francesa foi inicialmente pouco afetada pelo ditames do texto aristotélico²³. Os gregos, em geral, não figuram na linha de frente do debate francês, embora Empédocles apareça incidentalmente nessas discussões.

²¹ Essa concepção negativa do poético em relação aos físicos antigos é encontrada durante todo o século XVI. Ver, por exemplo, Giovanni Pietro Capriano, *Della vera Poetica*, 1555 (Weinberg, 1970, II, p. 301 e ss.); Giulio Del Bene, *Due discorsi*, II, 1574 (Weinberg, 1970, III, p. 195); Camillo Pellegrino, *Il Carrafa, o vero della epica poesia*, 1584 (Weinberg, 1970, III, p. 315); Nicolò Rossi, *Discorsi intorno alla tragedia*, 1590 (Weinberg, 1970, IV, p. 71), entre outros.

²² Cf. Lawrence, 1973.

²³ Como se sabe, a visão poética de Aristóteles foi minoritária na Antiguidade: “Most ancient critics (Horace, among them) measured the effectiveness and value of a poetic work in terms of external standards of truthfulness and of morality, and not by the degree to which it contributed to realizing what Aristotle took to be its particular form and function. Moreover, the rhetorical orientation of these critics made them preoccupied with the conditions imposed by the audience and not, as was Aristotle, with the

Um exemplo desse deslocamento francês aparece em Le Caron. No contexto da produção teórica da Pléiade, ele invoca os valores do verso filosófico enquanto tal. Em um movimento oposto ao de Robortello e Castelvetro, na quarta parte dos seus *Dialogues* (1556), ele não rebaixa Empédocles por escrever física em verso; ao contrário, integra Empédocles, Anaxágoras, Museu e Lino numa genealogia em que poesia e filosofia compartilham o mesmo fim: “exercitar e ornar o espírito do homem”.

De todos os gêneros de homens que, outrora, fizeram reluzir para a utilidade pública alguma profissão, alguma arte ou alguma ciência digna de memória imortal, lemos que os poetas foram os primeiros; de tal modo que, de todos os segredos das coisas mais ocultas na natureza que chegaram aos homens da Idade Média e desta nossa época, não se deve atribuir a glória a outro senão à poesia. Não somente as fábulas [*fables*], as quais, todavia, são imitações da verdade, mas também as histórias [*histoires*] dão testemunho suficiente de que o século feliz era dourado e enriquecido pelos poetas, que cantavam a grandeza de Deus, as virtudes dos heróis, e incitavam cada um a fazer coisas honrosas para a imortalidade de seus nomes. (...)

Façam-se os legisladores, os sábios e os filósofos tão grandes quanto se quiser: se confessam dever aos poetas tudo o que têm de melhor, devem reconhecê-los como os mais honrados; se o negam, será muito fácil convencê-los de furto. Que outros filósofos mais antigos podem recitar os gregos vaidosos senão Lino, Museu, Anaxágoras, Empédocles, os quais todos escreveram em poesia? Ela tende ao mesmo fim que a filosofia, a saber: exercitar e ornar o espírito do homem. Ela pode atribuir a si mesma, tão bem quanto a outra se gaba de abraçá-la, a ciência das coisas divinas e humanas. (Le Caron, *Dialogues*, IV, fol. 129r-130r)²⁴.

Essa imbricação entre poesia, antiguidade, filosofia e sabedoria, termos que se complementam e se energizam mutuamente no discurso, fornece a simbiose necessária capaz de conquistar, para a poesia dos antigos, o lugar de uma “ciência das coisas divinas e humanas”. Essa posição é importante, pois, na verdade, a questão que se segue imediatamente no *Prefácio* é ainda mais urgente do que a questão imitação/metro: agora, trata-se de valores mais profundos na cultura, da inserção de uma cosmologia pagã no universo da Revelação cristã.

composition of coherent structures which produced certain emotions because of inherent and objective properties” (Javitch, 1999, p. 53).

²⁴ Le Caron, 1986, p. 260-263.

Entretanto, embora sejam encontrados muitos poemas desprovidos desse tipo de histórias [*fabularum*] e, ao mesmo tempo, desprovidos de qualquer utilidade, ninguém é capaz de negar que estes [que edito aqui] são de longe os mais úteis – a menos que se ouse afirmar que essas obras consistam em um inútil conhecimento da filosofia natural [*inutilem philosophiae naturalis cognitionem*] (*Praefatio*, p. 5, ver tradução abaixo).

A discussão a respeito dos textos canônicos antigos (“pagãos”), que agora precisam ser valorizados por si mesmos do ponto de vista de sua “matéria”, mediante um terreno de recepção teológico-dogmático pouco simpático a eles, já aparece em algumas obras seminais do humanismo. Ela ajuda a perceber que a assimilação da poesia antiga foi culturalmente muito complexa e, ao menos no início do humanismo europeu, nunca foi unânime ou imediata. A matéria exigiu, por exemplo, o posicionamento firme de Boccaccio, em meados do século XIV:

Eles [os inimigos da poesia] dizem, além disso, que seus poemas [os dos poetas da Antiguidade] são falsos, obscuros, lascivos e repletos de contos absurdos e tolos de deuses pagãos, e que fazem Jove [Júpiter], que era, de fato, um homem obscuro e adúltero, ora o pai dos deuses, ora o rei do céu, ora fogo, ou ar, ou homem, ou touro, ou águia, ou coisas irrelevantes parecidas; da mesma maneira, os poetas exaltam à fama Juno e inúmeros outros [deuses] sob vários nomes. Repetidamente, eles gritam que os poetas são sedutores da mente, incitadores do crime e, para tornar sua acusação mais suja ainda, como se fosse possível, dizem que são macacos dos filósofos [*phylosophorum symias*], que ler ou possuir os livros dos poetas é um grande pecado [*pregrande piaculum*, i.e., grande crime, grande pecado]; e então, sem fazer nenhuma distinção, apoiam-se, como dizem, na autoridade de Platão no sentido de que os poetas devem ser expulsos não apenas das casas, mas também das cidades, e que as Musas, suas meretrizes teatrais [*scenicas meretriculas*], como diz Boécio, sendo doces com uma doçura mortal, devem ser detestadas e completamente rejeitadas junto com eles. (*Genealogia Deorum Gentilium*, XIV, cap. 5, ff. 163v1-163v2)²⁵.

Entre os franceses, talvez seja Denys Lambin, em sua edição de Lucrécio de 1563, o que mais claramente defende o direito de existir da poesia filosófica “pagã”, ultrapassando a dicotomia imitação/metro. Essa defesa reafirma, de certa forma, o modelo relicário de Estienne, na medida em que seu argumento

²⁵ Os dois últimos temas (“Musas meretrizes”, “sereias doces e mortais”) foram tirados da abertura da *Consolação da Filosofia* (I, 7-11), de Boécio. A *Genealogia* foi escrita entre 1347 e 1360. Ver Boccaccio, 1978, p. 30-31.

infere, indiretamente (como a edição de Estienne deixa claro em seu repertório de *reliquiae*), que diversos autores cristãos, como Clemente de Alexandria, constituem fontes da transmissão do texto de Empédocles, de Parmênides e de outros poetas filosóficos:

Mas aqueles antigos cristãos, homens santíssimos – Justino Mártir, Gregório Nazianzeno, Basílio Magno, João Crisóstomo, Clemente de Alexandria, Atenágoras, Eusébio, Cipriano, Tertuliano, Arnóbio, Firmiano, Agostinho, Jerônimo –, não foram de tal modo ineptamente religiosos nem soberbamente desdenhosos que julgassem nenhum escritor digno de leitura a não ser que fosse cristão e, em todos os aspectos, grave, casto e verdadeiro. Pelo contrário: liam com zelo tanto Empédocles quanto Demócrito, Epicuro, Lucrecio e os demais filósofos e poetas, para não falar dos oradores e historiadores, tanto gregos quanto latinos, embora profanos, embora mendazes, embora ímpios. E não faziam isso temerariamente ou em vão. (Lucretius, 1563, fol. á3v).

Lambin oferece, portanto, uma mediação humanista para a leitura de autores filosófica ou teologicamente suspeitos: reprovar a doutrina, e ainda assim conservar sua utilidade filológica, estilística e cultural.

Portanto, se assim convém, reprovemos, sem dúvida, toda a filosofia de Lucrecio, isto é, de Leucipo, Demócrito, Empédocles e Aristipo, que Lucrecio seguiu; mas admiremos, abracemos e imitemos o incrível brilho das palavras, a singular elegância do discurso, a facilidade incorrupta de falar latim. (Lucretius, 1563, fol. é2v).

A assimilação dos antigos sendo possível sob essa ótica, a questão da poesia “natural” torna-se um debate mais propriamente estético. Peletier du Mans admitia, em sua *Art poétique* (1555), que “os fatos da Natureza” pudessem ser tratados em poesia, embora reconhecesse a dificuldade da tarefa.

Os fatos da Natureza também podem ser tratados em poesia; embora, ainda assim, a aspereza dos termos e a coerção da matéria, que é sem ornamentos e figuras, façam com que a empresa seja rara para o poeta. Todavia, Lucrecio tratou ali com bastante felicidade suas concepções epicuristas. (Goyet, 1990, p. 231).

Neste sentido, Estienne se beneficia de uma discussão já estabelecida entre os franceses, tanto do ponto de vista estético (via Lucrecio) quanto da possibilidade de assimilação cultural dos textos antigos. Por outro lado, é

preciso notar que o “inútil conhecimento da filosofia natural”²⁶ coloca, indiretamente, uma questão na hierarquia teológica dos saberes²⁷. Por um lado, à (mera) poesia é facultado o erro, o que justificaria a publicação de versos não-cristãos sobre a natureza sem recorrer a textos autoritativos da tradição cristã: interpretando-se a *physis* sem subordiná-la explicitamente ao quadro teológico vigente, quer dizer, sem a intervenção direta de Deus. Neste caso, enquanto produtores de “mera poesia” (aqui, a ambiguidade do termo “fábulas” mostra toda a sua importância), autores pré-cristãos podem falar do que quiser e da maneira que lhes convém: não apenas a anterioridade temporal (antes da Revelação cristã) o permite, como aquilo que dizem (integrando-se agora à cultura cristã de modo fabular), mantêm claramente estabelecida a separação entre sua física (pré-cristã, mas poeticamente assimilável) e o dogma (teológico). Portanto, equilibrar-se nessa separação reflete a complexidade sub-reptícia da defesa dos textos pré-socráticos editados por Estienne.

Por outro lado, o que é mais sutil, essa defesa se beneficia da interseção entre a física e a poesia porque, como sustentou Le Caron, nesses autores antigos, o poético se funde à física criando uma relação específica, na qual se entrevê uma ciência ao mesmo tempo física e poética, capaz de reunir o divino e o humano. Neste sentido, a defesa da *poesia* pré-socrática instaurada no *Prefácio* – cuja tarefa essencial era valorizar como poética uma filosofia (pré-socrática) escrita em versos – torna-se, subliminarmente, também uma defesa da *física* pré-socrática, e, por extensão, uma defesa da filosofia grega e da cultura letrada que tornou possível sua criação e sua transmissão.

A teoria, porém, não elimina a *fabula*. Ao contrário: quando Estienne passa da discussão sobre o estatuto poético dos fragmentos à morte de Empédocles, a *fabula* retorna agora sob a forma de tradição biográfica, rumor e lenda. O episódio do Etna, atribuído por Horácio ao desejo de Empédocles de ser considerado um deus imortal, é recusado por Estienne enquanto fato histórico, mas não é simplesmente descartado: torna-se uma oportunidade para reinterpretar ceticamente, com Sexto Empírico, a autoproclamação divina do

²⁶ O *Prefácio* começa com os versos da *Arte Poética* de Horácio a respeito do que é “belo e útil na vida”. Ver nossa tradução mais abaixo.

²⁷ Nesse sentido, parece em sinergia com o processo de “*decompartmentalization*” das epistemes que alguns críticos observam no período: a comunicação dos campos teóricos e práticos do conhecimento, assegurando a interpenetração das áreas ditas técnicas, artísticas e científicas, que seria característico do Renascimento. Essa interpenetração abandona o esquema de pirâmide hierárquica dos saberes (tendo por critério último a Teologia) como parâmetro para a reflexão sobre o mundo. Para o conceito, ver Panofsky, 1962, p. 128.

filósofo e, ao mesmo tempo, evidenciar que a recepção de Empédocles não pode ser feita pela simples eliminação da lenda. Há, nisso, uma ironia estrutural: depois de discutir se a poesia filosófica pode ou não existir sem *fabula*, Estienne termina mostrando que a própria figura de Empédocles chegou à tradição envolvida por uma existência fabular. A *fabula* pode ser cética e criticamente depurada, mas não desaparece; ela integra o conjunto de mediações e testemunhos pelos quais Empédocles se torna legível. Se o *Prefácio* termina não resolvendo abstratamente a oposição entre poesia e filosofia natural, ele abre espaço para mostrar que a autoridade dos primeiros físicos depende tanto das *reliquiae* doutrinárias quanto das formas narrativas que conservaram, deformaram e transmitiram sua memória.

Notas sobre a tradução

Salvo quando expressamente indicado, todas as traduções que aparecem neste artigo são de responsabilidade dos autores.

Mantivemos a transcrição do texto o mais próximo possível do original impresso, mas alguns ajustes foram feitos – sobretudo no que tange às abreviações latinas, que foram escritas por extenso. Há também outras pequenas diferenças entre o padrão da escrita latina aceito hoje e o da época de Estienne (acentos que consideraríamos indevidos, erros tipográficos evidentes etc.): ainda nesses casos, nós mantivemos a grafia do impresso.

Para facilitar a localização da tradução diante do original latino, fornecemos, entre colchetes, a marcação das páginas do original também na versão em português.

O texto de Estienne não é propriamente um texto filosófico. Algumas noções usadas no *Prefácio* (como *amythos*, *poeseus* etc.) podem soar estranhas aos leitores acostumados com a terminologia estabelecida hoje para tratar dos filósofos antigos. Para contornar estas e outras idiossincrasias, optamos, sempre que nos pareceu necessário, por manter a terminologia original usada por Estienne, entre colchetes, acompanhando a tradução.

ΠΟΙΗΣΙΣ ΦΙΛΟ- ΣΟΦΟΣ. POESIS PHILO- SOPHICA, Vel faltem, Reliquiæ poefis philofophicæ, EMPEDOCLIS, PARMENIDIS; XENOPHANIS, CLEANTHIS; TIMONIS, EPICCHARMI. Adiuncta sunt ORPHEI illius carmina

qui à fuis ap- || pellatus fuit ó θεολόγος. || ITEM, || HERACLITI ET DEMO- || criti
loci quidam, & || eorum epistolæ. || [brasão editorial] || ANNO M. D. LXXIII, ||
excudebat Henr. Stephanus. || CVM PRIVILEGIO CAES. || MAIESTATIS. || (in-8°,
222 p.)

Exemplar:

Bibliothèque de Genève [BGE], Ca 116 (3)

Fac-símile:

<https://doi.org/10.3931/e-rara-6276>

Texto

[p. 3]

Richardo Streinnio, Baroni Schuuarzenauio,
Henr. Steph. S.D.

*Aut prodesse volunt aut delectare poetae,
aut simul et iucunda et idonea dicere vitae.*

His versibus Horatianis omnes quidem assentiuntur: sed vereor ne Grammatici certent et adhuc sub iudice lis sit, quodnam poematum genus utilitatem afferat, quodnam delectet: quodnam sit tertium illud quod utilitatem cum delectatione coniunctam habet. Quod si mihi in ista quaestione (quae difficilior est quam prima fronte videatur) meam ex tempore proferre de utilibus poematis sententiam licet: quemadmodum inter carnes, eas esse suauissimas dicit apud Plutarchum Philoxenus, quae minime sunt carnes, ita profecto ex poematis ea plerunque esse dixerim utilissima quae poemata non sunt. Quatenam vero sunt vel potius dicuntur poemata, quum tamen vere poemata non sint? Quae illa re carent quam [p. 4] nonnulli *poesews* animam appellarunt: id est fabulis. Si enim poesi fabulae sunt instar animae, versus quorum corpori infusae illae non sunt, aut *poesews* nomine ne dignemur, aut poesin mortuam (ut mortuum est corpus à quo abest anima) appellemus: Sic tamen ut illo vocabulo nos abuti sciamus. Nam a mortuo corpore abest anima, sed antequam mortuum esset, non aberat: at poesis ἄμυθος, et est et semper fuit ἄψυχος: ideoque numquam vixisse dici potest. Siquis autem mihi fidem adhibere non vult, dicenti non posse appellari poesin quae fabulis careat, audiat

Plutarchum: θυσίας μὲν γὰρ ἀχόρους καὶ ἀναύλους ἴσμεν, οὐκ ἴσμεν δ' ἄμυθον οὐδ' ἀψευδῆ ποιήσιν.

Ubi tamen ἄμυθον non simpliciter dicit illam quae fabulis careat, sed illam, ut opinor, quae fabulas poeticas, id est poesi conuenientes, non habeat. Utrocunque autem modo interpretari ἄμυθον velimus, haec Empedoclis et caeterorum scripta, talia esse comperiemus: eorumque autores carmen, tanquam vehiculum, ab arte poetica mutuatos esse, ne pedestri oratione uti cogerentur. Ac Plutarchum hic quoque testem laudabo: Empedoclis carmina (inquit) et Parmenidis, necnon Theriaca Nicandri, et Theognidis gnomologiae, λόγοι εἰσὶ κεχρημένοι παρὰ ποιητικῆς, ὥσπερ ὄχημα, τὸν [p. 5] ὄγκον καὶ τὸ μέτρον, ἵνα τὸ πεζὸν διαφύγῳσιν.

Verumenimvero quum plurima inueniri possint et fabularum eiusmodi et simul omnis utilitatis expertia carmina, haec contra longe utilissima esse, nemo est qui negare queat: nisi eadem opera inutilem philosophiae naturalis cognitionem dicere ausit. Empedocles enim, Parmenides, et reliqui, ut physica tractant, ita physici et possunt et debent nominari: sicut à veteribus vocari passim videmus. Et sane M. Tullius non ob eam quam dixi causam, Empedoclem appellandum poetam non censet: sed potius quod physici nomen magis illi, sicut et caeteris qui idem argumentum versibus tractarunt, conueniat. Haec enim esse videtur eius sententia in isto loco libri *De oratore* primi, Nam si, ut quisque in aliqua arte et facultate excellens aliam quoque artem sibi adsumpserit, is perficiet, ut quod praeterea sciet, id eius, in quo excellet, pars quaedam esse videatur, licet ista ratione dicamus pila bene et duodecim scriptis ludere proprium esse iuris civilis, quoniam utrumque eorum P. Mucius optime fecerit; eademque ratione dicantur et, quos Φυσικοῖς Graeci nominant, idem poetae, quoniam Empedocles physicus egregium poema fecerit. Equidem ut hic Cicero pulcherrimum [p. 6] Empedoclis poema esse dicit, ita videmus ab Aristotele Ὀμηρικὸν καὶ δεινὸν περὶ τὴν φράσιν appellari: quinetiam τὰ περὶ ποιητικὴν ἐπιτεύγματα illi tribui: sed tamen quandiu fixum manebit id quod dixi, nimirum fabulas esse *poesews* velut animam, carmina illius versificatio potius quàm poesis dicenda erunt: sicut etiam de Lucretii carminibus in eodem argumento, et de Lucani, in valde diuerso, iudicatum à plerisque fuit.

Iam vero si quis obiiciat, me, quanuis hoc dicam, inscripsisse tamen hos versus Φιλόσοφον ποιήσιν, non me Clementis Alexandrini autoritate tuebor, qui eos ita nominat (potius enim illis Aristotelis et Ciceronis quos attuli locis hunc titulum defendere conarer) sed *poesews* appellatione sic abusum esse

fatebor, ut multos huius abusus defensores habere possim. Atque ut Cicero se usum loquendi populo concessisse, scientiam sibi reseruasse dicebat, ita me contentum eo esse respondebo, quod sciam me illa voce hic abuti, qua vulgus se uti existimat. Verum siue indigna siue digna nomine *poeseos* haberi debent haec carmina (fortassis enim quod de fabulis dixi, eiusmodi est ut refelli possit: ac cum plerique alii versuum scriptores, tum verò comici in eo sibi iniuriam fieri querentur) hoc saltem [p. 7] constat, ex eorum illa numero esse quae omnibus multum prodesse, eos autem quibus iucunda est naturae rerum inuestigatio, simul delectare queant. Nisi potius, ut haec sunt poematum illorum fragmenta duntaxat et reliquiae, ita etiam reliquias tantum huius utilitatis pariter et delectationis esse dicamus.

Haec autem (ut verum fatear) cur nunc ederem in causa fuit Aristoteles. Quum enim de huius philosophi operibus Graece simul et Latine edendis cogitarem, atque hoc animo ea euoluerem, incidi in illud Empedoclis fragmentum, quod omnium est longe pulcherrimum. Quum vero et apud Sextum philosophum (qui nondum Graece editus est) habere me quaedam simulque; apud alios, recordarer, colligenda omnia, deinde idem in aliorum physicorum carminibus faciendum curavi. Empedocli autem primum locum, non tanquam omnium antiquissimo, sed tanquam praestantissimo,tribuendum censui. In qua honoris velut praerogativa sum etiam Lucretii sequutus iudicium, qui magnis eum laudibus potius quàm caeteros dignatus est. Scribit enim lib. I,

*Adde etiam, qui conduplicant primordia rerum,
Aera iungentes igni, terramque liquori,
Et qui quattuor ex rebus posse omnia rentur,*
[p. 8] *Ex igni, terra atque anima procreescere, et imbri.
Quorum Acragantinus cum primis Empedocles est,
Insula quem triquetris terrarum gessit in oris.*

Et aliquot versibus interiectis, quibus praedicat nonnulla quae in ea visenda sunt, subiungit,

*Quae quum magna modis multis miranda videtur
Gentibus humanis regio visendaque fertur,
Rebus opima bonis, multa munita virßm vi,
Nil tamen hoc habuisse viro praeclarius in se,
Nec sanctum magis et mirum carumque videtur.
Carmina quinetiam divini pectoris eius*

*Vociferantur et exponunt praeclara reperta,
Vt vix humana videatur stirpe creatus.*

Sed huius viri mors (dicet quispiam) vitam eius atque adeo sapientiam dedecorat.

*(...) deus immortalis haberi
Dum cupit Empedocles, ardentem frigidus Aetnam
Insiluit.*

At ego ne ipsum quidem Horatium hoc quod scribebat credidisse existimo: ac, si quis attente locum illum consideret, factum hoc, non tanquam certum, sed tanquam ita vulgatum fama ut obiici possit, ab eo recitari animaduertet. Scio quidem et alios quosdam scriptores idem de Empedoclis obitu memoriae prodidisse: sed fuisse vicissim qui eos mendacii [p. 9] arguerent, non ignoro. Occasionem autem huic rumori seu fabulae praeuisse existimo haec illius verba,

*Χαίρετ' ἐγὼ δ' ὑμῖν θεὸς ἄμβροτος οὐκέτι θνητός
πωλεῦσθαι μετὰ πᾶσι τετιμένος.*

Ad quae Horatium respexisse suspicor dum illa scriberet

*(...) deus immortalis haberi
Dum cupit Empedocles.*

Ac fortassis ille ipse scriptor unde istam (ut quidem appello) fabulam sumpsit, hoc addebat, eum ita occultando suam mortem, voluisse confirmare quod de se iactauerat, ἐγὼ δ' ὑμῖν θεὸς ἄμβροτος. Verum, ut docte et prudenter scribit Sextus philosophus, non ita debent accipi illa verba, sed aliud quiddam subesse illis putandum est. Qui Sexti locus (quod nondum liber eius editus sit) visus est dignus qui proferretur, ὁ μὲν γὰρ γραμματικὸς καὶ ὁ ιδιώτης ὑπολήψονται κατὰ ἀλαζονείαν καὶ τὴν πρὸς τοὺς ἄλλους ἀνθρώπους ὑπεροψίαν ταῦτ' ἀνεφθέγγχθαι τὸν φιλόσοφον, ὅπερ ἀλλότριόν ἐστι τοῦ κἂν μετρίαν ἔξιν ἐν φιλοσοφίᾳ ἔχοντος, οὐχ ὅτι γε τοῦ τοσοῦτου ἀνδρός· ὁ δὲ ἀπὸ φυσικῆς ὁρμώμενος θεωρίας, σαφῶς γινώσκων ὅτι ἀρχαῖον ὅλως τὸ δόγμα ἐστί, τοῖς ὁμοίοις τὰ ὅμοια γινώσκεισθαι (ὅπερ ἀπὸ Πυθαγόρου δοκοῦν κατεληλυθέναι κεῖται μὲν καὶ παρὰ Πλάτωνι ἐν τῷ Τιμαίῳ, εἴρηται δὲ πολὺ πρότερον ὑπ' αὐτοῦ Ἐμπεδοκλέους) (...) συνήσει

[p.10] ὅτι ὁ Ἐμπεδοκλῆς θεὸν ἑαυτὸν προσηγόρευσεν, ἐπεὶ μόνος καθαρὸν ἀπὸ κακίας τηρήσας τὸν νοῦν καὶ ἀνεπιθόλωτον τῷ ἐν ἑαυτῷ θεῷ τὸν ἐκτὸς θεὸν κατείληφεν.

Equidem non dubito quin idem Sextus talem de morte illius sparsam famam pro nugacissima fabula habendam censuerit. Verum hoc in incerto relinquendum est: at illius summum acumen summaque in rebus naturalibus perspicacia, vel ex iis quas habet hic libellus reliquiis patere potest, si (ut est in prouerbio) ex ungue leonem aestimare libeat.

Qualescunque autem sint, eas tibi dicatas volui, ut sicut tu amica recordatione post longum temporis intervallum me dignaris (elapsi enim sunt multi anni ex quo mihi Augustae frui tuo conspectu licuit) ita me vicissim tui memorem esse ostenderem. Neque tamen memorem tui esse dumtaxat (hoc enim commune mihi cum innumeris esse potest, quibus tuus ille elegantissimus et doctissimus de stemmatis familiarum Romanarum liber tui memoriam assidue renovat: quippe quem quotidie prae manibus habeant) sed amore et omni observantia pro eo ac debeo prosecui, velim existimes. Vale.

Tradução

[p. 3]

A Reichart Streun, barão de Schwarzenau²⁸,
Henri Estienne, saudações²⁹.

*Os poetas ou querem ser úteis ou dar prazer,
ou ao mesmo tempo tratar de assunto belo e adaptado à vida.*³⁰

Todos certamente concordam com esses versos de Horácio, mas receio que os gramáticos debatam, e que ainda não esteja decidido, qual gênero poético [*poematum*] ofereceria utilidade, qual proporcionaria deleite – e qual

²⁸ Reichart Streun von Schwarzenau (1538-1600), historiador e político que, “aos 28 anos, em 1567, tornou-se *Hofkammerpräsident* [Presidente da Câmara do Tribunal] e assim permaneceu durante oito anos, até novembro de 1575” (Grossmann, 1927, p. 9). Na época da dedicatória, portanto, Streun von Schwarzenau era uma espécie de Ministro das Finanças, o responsável pela administração e pelas despesas da Monarquia dos Habsburgos, em sua capital, Viena. Cf. Hochedlinger; Mata; Winkelbauer, 2019, p. 825 e ss. De Streun von Schwarzenau, Estienne havia publicado os *Gentium et familiarum Romanarum stemmata* (1559), obra à qual este último se refere no parágrafo final deste *Prefácio*.

²⁹ Trata-se aqui não do avô homônimo (Henri Estienne I, 1470-1520), mas de Henri Estienne II (1528-1598), editor das *Obras* de Platão (1578). A fórmula “S.D.” (*Salutem Dicit*, “envia saudações”) era usada como cumprimento genérico em cartas.

³⁰ Horácio, *Arte Poética*, 333-334. Ver Horácio, 2012, p. 146-147.

seria o terceiro a combinar utilidade e deleite. No entanto, caso me permitam expressar de improviso essa questão quanto à utilidade do poema [*poematis*] (questão esta que é mais difícil do que parece à primeira vista), assim como as carnes mais deliciosas são as que menos se parecem com carne – segundo Filoxeno, conforme citado por Plutarco³¹ –, certamente eu diria que os mais úteis dos poemas [*poematis*] são geralmente aqueles que não são poemas [*poemata*]. Entretanto, quais são poemas, ou melhor, quais são chamados de “poemas” [*poemata*] apesar de, na verdade, não serem poemas [*poemata*]? São os que carecem do que [p. 4] alguns chamaram “a alma da *poesya*”³², ou seja, das

³¹ Plutarco, *De audiendis poetis* 14d1-14e1 (= Philoxenus Leucadius, fr. 837. Ver o texto em Page, 1962, p. 441): Εἰ μὲν, ὡς Φιλόξενος ὁ ποιητὴς ἔλεγεν, ὃ Μάρκε Σήδατε, τῶν κρεῶν τὰ μὴ κρέα ἥδιστα ἐστί καὶ τῶν ἰχθύων οἱ μὴ ἰχθύες, ἐκείνοις ἀποφαίνεσθαι παρῶμεν οἷς ὁ Κάτων ἔφη τῆς καρδίας τὴν ὑπερῶαν εὐαίσθητοτέραν ὑπάρχειν. [Se, Marco Sédato, como disse o poeta Filoxeno, as carnes que não são carnes são as mais deliciosas e, entre os peixes, os que não são peixes, permitiremos que se manifestem aqueles a quem Catão disse que têm o palato mais sensível que o coração]. Trata-se de Filoxeno de Citera (~435-379 a.C.), poeta, reformador do sistema poético-musical de seu tempo e exponte do “Novo Ditirambo” grego do século V a.C., às vezes confundido com Filoxeno de Leucas (lendário penetra e glutão grego), que aparece em uma passagem dos *Deipnosophistas* (I, 5f-6a), de Ateneu, e na *Suda* (#395). Sobre Filoxeno de Leucas, ver Roskan, 2006.

³² No original, Estienne utiliza, em algumas situações, a forma *poeseaws*, para se referir à “poesia”, ao inserir um *ômega* grego na palavra latina, concretizando, assim, uma mesclagem visual entre a latinização *poesis* e o seu termo grego ποιήσις. O estrangeirismo morfológico acontece na cultura latina antiga por meio das latinizações das terminações gregas em diversas situações, mesmo entre os autores da época de ouro: para exemplos desses “*barbarismes*”, ver Ernout, 1953, p. 20-21). A introdução de uma forma grega no latim é mais frequente nos nomes próprios, como aponta o texto do *Orator* de Cícero: “*Ênio diz sempre ‘Burrum’, mas nunca ‘Pyrrhum’, ‘ui patefecerunt Bruges’* [“Vi abrirem as portas da Frígia”. Ênio, *Hectoris Lytra*, 176] e não ‘Phryges’ mostram os seus antigos manuscritos, pois não haviam adoptado a letra grega – agora, pelo contrário, usamos as duas – e como deviam dizer ‘Phrygem’ e ‘Phrygibus’ era absurdo usar a letra grega nas terminações estrangeiras ou falar em grego apenas no nominativo. Todavia, dizemos ‘Phryges’ e ‘Pyrrhum’ por causa dos ouvidos” (Cícero, *Orador*. 160-161. Para tradução anotada, ver Gonçalves, 2017, p. 244). No século XVI, Erasmo (*De duplici copia rerum ac verborum commentarii duo*, 1512) acentua que o estrangeirismo é um recurso estilístico particular e bem-vindo: *Porro Graeca, Latinis in loco intermixta, non mediocrem addunt gratiam* [Além disso, as [palavras] gregas, misturadas com as latinas, agregam uma graça nada desprezível] (Erasmus, *De Copia Verborum ac Rerum*. Ver Erasmus, 1988, p. 50). No caso do prefácio de Estienne, porém, a hibridização é capaz de significar algo além do capricho de estilo. Conforme a sintaxe, *poeseaws* está declinado em uma forma genitiva e corresponde ao genitivo φύσεως, encontrado nos poemas pré-socráticos (genericamente intitulados Περί φύσεως, i.e., *Sobre a Natureza*), justamente o tipo de texto filosófico que aparece na *Poesis philosophica*. Assim, φύσεως e *poeseaws* (usado em Estienne apenas em situações genitivas) seriam equivalentes: o primeiro (φύσεως) designando o objeto (a *physis*) tratado pelos pré-socráticos; o segundo (*poeseaws*), a forma narrativa poética específica e pré-socrática de analisar esse objeto. Vale ressaltar, ainda, que a desinência -ως, na terceira declinação, é resultado de uma série de modificações já no grego antigo, e a consequência no latim seria a forma genitiva *poeseos*, de forma que o texto presente substitui o *o* latino da desinência pela letra grega ω. Diante disso, para manter na tradução algo que recriasse essa peculiaridade visual do original, usou-se a forma *poesya*: por ser uma versão arcaizante, atestada no português quinhentista, essa forma consegue timbrar nossa tradução com uma aparência que remete a um estado anterior da nossa própria língua, tal como a relação estabelecida, neste caso particular, do latim com o grego. Do mesmo modo, procedeu-se, na tradução, com as ocorrências de *poesin*, flexão que ainda guarda aparência tradicional da desinência grega para o acusativo singular no latim.

histórias [*fabulis*]. Se as histórias [*fabulae*] são para a poesia [*poesi*] o que a alma é para o corpo, então, quanto aos versos em cujos corpos elas não foram infundidas, ou não os dignifiquemos com o nome de *poesya*, ou os chamemos de “*poesya morta*” [*poesin mortuam*] (assim como está morto um corpo do qual a alma está ausente). Sabemos, no entanto, que estamos abusando desse termo, pois a alma está ausente de um corpo morto; mas, antes de este estar morto, ela não estava ausente: apesar disso, a poesia ἄμυθος [sem história] é, e sempre foi, ἄψυχος [sem alma] – por isso, nunca se pode dizer que ela viveu. No entanto, se alguém não quer acreditar em mim, que digo que não se pode chamar de *poesya* [*poesin*]³³ o que carece de histórias [*fabulis*], que ouça Plutarco: θυσίας μὲν γὰρ ἀχόρους καὶ ἀναύλους ἴσμεν, οὐκ ἴσμεν δ' ἄμυθον οὐδ' ἄψευδῆ ποίησιν³⁴.

Quando, porém, ele diz ἄμυθον [sem história], não se refere simplesmente ao que que carece de histórias [*fabulis*], mas, acredito, ao que não tem histórias poéticas [*fabulas poeticas*], isto é, adequadas à poesia [*poesi*]. De qualquer maneira que queiramos compreender o ἄμυθον [sem história], descobriremos que os escritos de Empédocles e dos outros são assim, e que esses autores tomaram o poema de empréstimo da arte poética, como um veículo³⁵, para que não fossem forçados a usar a prosa e ir a pé³⁶. Aqui, contudo, também citarei Plutarco como testemunha: os poemas de Empédocles e os de Parmênides, bem como a *Theriaca*, de Nicandro³⁷, e as gnomologias, de

³³ Apesar de parecer um erro tipográfico, *poesin*, aqui, remete ao mesmo caso da nota anterior: trata-se de uma hibridização, com a terminação grega para o acusativo singular (-iv) transliterada, pois ocupa o lugar da forma latina esperada *poesim*.

³⁴ “Nós conhecemos sacrifícios sem coro e sem aulos, mas não conhecemos poesia sem história [ἄμυθον] ou sem engano [ἄψευδῆ]” (Plutarco, *De audiendis poetis*, 16c). O termo ἄψευδῆς é usado nesse sentido (“sem engano”, “verídico” etc.) especialmente no contexto oracular.

³⁵ No sentido de “carro”, “carruagem” etc.

³⁶ A tradução literal seria “discurso pedestre”; e, neste caso, há um jogo de palavras por oposição a *vehiculum*. Não se trata propriamente do estilo “pedestre” (em oposição ao estilo grandioso), embora no trecho exista também essa oposição. A expressão “*oratio pedester*” diz respeito à *prosa*: em particular, a um estilo mais simples e que chamaríamos, em português, de “prosaico”. A tradução proposta aqui valoriza igualmente a clarificação da *prosa* e a força do jogo de palavras, sem que se recorra ao decalque da expressão latina. Além disso, esse uso da expressão aparece em Quintiliano: “*Plato multum enim supram prosam orationem et quam pedestrem Graeci vocant surgit*” [Platão, em verdade, faz nascer muito acima da simples prosa aquele discurso, que os gregos chamam *prosaico*] (*Instituição Oratória*, X, 81. Cf. Quintiliano, 2016, p. 57). “Il est possible que l’emploi de l’adjectif *prorsus* ait été lointainement inspiré par le grec πεζός, ‘qui va à pied’. Horace avait essayé le calque *pedester* (*pedestribus historiis*, *Odes*, II, 12, 9). Il l’emploie aussi pour qualifier des vers prosaïques (*Satiras*. II, 6, 17; *Arte Poética*, 95): on peut penser que le caractère dévalorisant de l’expression aurait paru peu compatible avec le prestige de l’*eloquentia*” (Delarue, 2022, §29).

³⁷ A *editio princeps* da *Theriaca*, do poeta alexandrino Nicandro (III-II a.C.), é de 1499 (impressa em grego por Aldo Manúcio). A primeira edição bilingue (grego-latim), impressa em Colônia por Johann Soter e

Teógnis³⁸, λόγοι εἰς κεχρημένοι παρὰ ποιητικῆς, ὥσπερ ὄχημα, τὸν ὄγκον καὶ τὸ μέτρον, ἵνα τὸ πεζὸν διαφύγῳσιν³⁹.

Entretanto, embora sejam encontrados muitos poemas desprovidos desse tipo de histórias [*fabularum*] e, ao mesmo tempo, desprovidos de qualquer utilidade, ninguém é capaz de negar que estes [que edito aqui] são de longe os mais úteis – a menos que se ouse afirmar que essas obras consistam em um inútil conhecimento da filosofia natural⁴⁰. Empédocles, Parmênides e os outros, por tratarem de física, podem e devem ser chamados de físicos: como vemos que foram chamados pelos antigos; e, certamente, Marco Túlio Cícero não acredita que Empédocles deva ser chamado de poeta [*poetam*] pela razão que mencionei, mas, em vez disso, porque o nome de *físico* seria mais conveniente a ele, assim como aos outros que, em versos, trataram do mesmo assunto. Essa parece ser sua opinião nesta passagem do primeiro livro do *De Oratore*: “Pois se, conforme cada um se destaca em alguma arte e habilidade, ele também assume outra arte, então acontecerá que o que ele sabe além disso parecerá ser uma parte daquilo em que ele se destaca, embora possamos dizer, por esse raciocínio, que jogar bem o jogo de doze linhas é próprio do direito civil, porque P. Múcio fez muito bem ambas as coisas; e, pelo mesmo raciocínio, aqueles que os gregos chamam de Φυσικοῖς [físicos], são também poetas, porque Empédocles, o físico, fez um excelente poema”⁴¹. Na verdade, assim como Cícero aqui diz que o poema de Empédocles é belíssimo, vemos que ele é chamado por Aristóteles de Ὀμηρικὸν καὶ δεινὸν περὶ τὴν φράσιν⁴², e até mesmo os seus τὰ περὶ φράσιν ἐπιτεύγματα são atribuídos a ele⁴³; mas,

com tradução de Johann Lonitzer (em prosa), é de 1531. Uma outra edição, bilingue, mas desta vez em versos latinos, pelo médico, botânico e humanista alemão Euricius Cordus (Einrich Ritze Solde), foi impressa em Frankfurt por Christian Egenolf (1532). Trata-se de uma obra sobre venenos, escrita em hexâmetros. Cf. Overduin, 2014.

³⁸ Estienne se refere às *Sentenças* do poeta grego Teógnis de Megara (VI a.C.), elegias gnômicas (em forma de conselho, máximas e provérbios), de cunho moral. A *editio princeps* (grego, com tradução latina do polímata alemão Jakob Shegk) foi publicada por Plantin em 1572.

³⁹ “são discursos que usam a estrutura e a métrica da poesia como uma carruagem – a fim de evitar andar a pé, como a prosa” (Plutarco, *De audiendis poetis*, 16c-16d. Ver Plutarco, 2022, p. 35).

⁴⁰ Para a discussão sobre a utilidade dos textos, ver nossa introdução.

⁴¹ Cícero, *De oratore*, I, 50, 217. Para o texto, ver Cicero, 1969, p. 84.

⁴² “Homérico e formidável na frase”.

⁴³ Literalmente, “às obras sobre a expressão” (ou sobre a “fala”). Como foi observado pelos críticos, porém, o uso de φράσιν aqui talvez seja apenas um deslize de Estienne, que estaria se referindo, na verdade, à περὶ τὴν ποιητικὴν [sobre a poética] e não à περὶ τὴν φράσιν [sobre a fala etc.]. Cf. Primavesi, 2011, p. 168, n. 55. Talvez o texto de Estienne faça referência aqui a uma obra aristotélica perdida, citada por Diógenes Laércio: “Aristóteles diz, no *Sofista*, que Empédocles foi o inventor da retórica, e Zenão da dialética. Na obra *Dos Poetas* [Περὶ ποιητῶν], o mesmo autor [Aristóteles] diz que Empédocles foi homérico e vigoroso nas expressões, apreciando as metáforas e todos os outros recursos da arte poética. Além disso, ele [Empédocles] escreveu outros poemas, especialmente sobre a invasão da Hélade por Xerxes e um hino a

enquanto o que eu disse permanecer firme – que as histórias [*fabulas*] certamente são como a alma da *poesya* –, seus poemas serão chamados de “versificação” [*versificatio*] em vez de “poesia” [*poesis*], assim como também muitos julgaram os poemas de Lucrécio no mesmo assunto, bem como os de Lucano em um assunto muito diferente⁴⁴.

No entanto, caso alguém objete que, embora eu diga isso, ainda assim intitulei estes versos como Φιλόσοφον ποίησιν [Poesia Filosófica], não me defenderei com a autoridade de Clemente de Alexandria, que os chama assim (pois eu tentaria defender este título com as passagens de Aristóteles e Cícero que citei), mas confessarei ter abusado do termo *poesya*, de tal forma que consigo ter muitos defensores deste abuso⁴⁵. Além disso, assim como Cícero

Apolo, queimados posteriormente por uma irmã do poeta (ou por sua filha, como declara Hierônimos). Ela destruiu o hino involuntariamente, mas o poema sobre a guerra persa, deliberadamente, por se tratar de uma obra inacabada” (*Vidas*, 8, 57. Ver Diogenes Laertios, 2008, p. 241). A primeira edição impressa das *Vidas* (em Roma, por Georgius Lauer, apenas tradução em latim) é provavelmente de 1472. A primeira edição em grego saiu em 1533. Estienne editou as *Vidas* (versão bilíngue grego-latim, sem comentário) em 1570, e uma nova edição em 1593, também em grego e latim, mas com comentários de seu genro, o helenista protestante Isaac Casaubon (1559-1614). Portanto, ele conhecia bem o texto de Diógenes Laércio à época da edição do *Poesis philosophica*, que é de 1573.

⁴⁴ O *De Rerum Natura* [*Da Natureza das coisas*] de Lucrécio (94-50 a.C.), poema latino em hexâmetros, continua a tradição pré-socrática de versos filosóficos. Já a *Farsália*, de Lucano (39-65 d.C.), também em hexâmetros, narra a guerra civil entre Júlio César e Pompeu.

⁴⁵ Dado o texto que chegou até nós, Clemente de Alexandria se refere a uma *feitura poética* dos textos dos pré-socráticos e não a uma poesia que seria *ela mesma*, intrinsecamente, filosófica. A referência aparece no livro V dos *Stromates*: ^[2] πάντας γὰρ κρύψας [καὶ] αὐθις φάος ἐς πολυγηθὲς ἐξ ἱερῆς κραδίης ἀνενέγκατο, μέρμερα ῥέζων. ^[3] ἦν δὲ ὁσίως καὶ δικαίως διαβιώσωμεν, μακάριοι μὲν ἐνταῦθα, μακαριώτεροι δὲ μετὰ τὴν ἐνθὲνδε ἀπαλλαγὴν, οὐ χρόνῳ τινὶ τὴν εὐδαιμονίαν ἔχοντες, ἀλλὰ ἐν αἰῶνι ἀναπαύεσθαι δυνάμενοι, ἀθανάτοις ἄλλοισιν ὁμέστοι, ἐν τε τραπέζαις ἐόντες ἀνδρείων ἀχέων ἀπόκληροι, ἀτειρεῖς, ^[4] ἡ φιλόσοφος Ἐμπεδοκλέους λέγει ποιητική. [^{2]} Pois ele, depois de esconder todos e novamente trazer à luz a partir do coração sagrado em grande júbilo, elevou-se, executando feitos divinamente variados. ^[3] Mas se vivermos de maneira piedosa e justa, bem-aventurados somos aqui, mas ainda mais bem-aventurados após a libertação desta vida terrena, não possuindo a felicidade por algum período de tempo, mas capazes de repousar na eternidade, compartilhando a mesma morada com os imortais, sentando-nos em banquetes sem o peso dos sofrimentos humanos, livres ^[4] como diz, poeticamente, o filósofo Empédocles] (Clemente de Alexandria, *Stromates* V, 14, 122, 2-4. Ver Clement d’Alexandrie, 1981, Vol. 1, p. 222-223). “Clement, however, did not use the term φιλόσοφος ποίησις, but rather the term φιλόσοφος ποιητική: Estienne is referring to Clement *Stromates*, 5, 14, 122, 3 (p. 409,13 Stählin / Früchtel) where the quotation of Empedocles DK B 147, as printed by Estienne on p. 28, is rounded off with the phrase: ἡ φιλόσοφος Ἐμπεδοκλέους λέγει ποιητική. See also *Stromates* 5, 3, 17, 6 (p. 337,15-16 Stählin/Früchtel = Cleanthes SVF I 559) where ἡ Κλεάνθους δὲ τοῦ Στωϊκοῦ φιλοσόφου ποιητική (quoted by Estienne p. 51) has been emended by Wachsmuth to ἡ Κλεάνθους δὲ τοῦ Στωϊκοῦ φιλόσοφος ποιητική” (Primavesi, 2011, p. 169, n. 59). Neste último exemplo, a frase completa é: καὶ ἡ Κλεάνθους δὲ τοῦ Στωϊκοῦ φιλόσοφος ποιητική ὥδὲ πῶς τὰ ὅμοια γράφει [E também Cleantes, o filósofo estoico, escreve poeticamente, desse modo, sobre coisas semelhantes] (*Stromates* V, 3, 17, 6. Ver Clément d’Alexandrie, 1981, Vol. 1, p. 52-53). A abreviação DK (Diels/Kranz) corresponde ao material encontrado na coletânea de fragmentos pré-socráticos elaborada Hermann Diels (1909), revista por Walther Kranz (1930). Ver Diels; Kranz, 1960.

afirmava ter concedido ao povo o uso do discurso, reservando para si mesmo a arte, também responderei que estou satisfeito com o fato de que sei que estou abusando aqui dessa palavra que o povo acredita usar⁴⁶. Se, porém, estes poemas devem ser considerados indignos ou dignos do nome de *poesya* (pois talvez o que eu disse das histórias [*fabulis*] seja tal que possa ser refutado; e, quando muitos outros escritores de versos [*versuum scriptores*], especialmente os comediógrafos [*comici*], queixar-se-ão de que isto é uma injustiça para com eles), pelo menos [p. 7] é certo isto: que os poemas referidos pertencem à categoria dos que podem ser muito úteis a todos e, ao mesmo tempo, agradar aos que se deleitam na investigação das coisas da natureza – a menos que, como estes são apenas fragmentos e relíquias [*reliquiae*] daqueles poemas, digamos também que são apenas relíquias [*reliquiae*] da utilidade e do prazer⁴⁷.

No entanto (para dizer a verdade), a razão de eu publicar isto agora foi Aristóteles; pois, quando estava pensando em publicar simultaneamente em grego e em latim as obras desse filósofo, e as folheava com essa intenção⁴⁸, deparei-me com aquele fragmento de Empédocles, que é de longe o mais belo de todos⁴⁹. Como, contudo, lembrei-me de que tinha alguns fragmentos do

⁴⁶ “Na verdade, eu mesmo, sabendo que nossos antecessores falavam de tal maneira que nunca usavam a aspiração a não ser numa vogal, eu falava de modo a dizer ‘pulcros, Cetegos, triunpos, Cartaginem’ [belos, Cetegos, triunfos, Cartago]; em algum momento, e isso tarde demais, após o clamor dos ouvidos ter-me arrancado a verdade, eu cedi o uso da minha fala ao povo, mas guardei o conhecimento para mim” (Cícero, *Orator*, 48, 160. Ver Gonçalves, 2017, p. 244-245). Cícero refere-se a um modo de falar latino que, em diversas situações, aspirava as consoantes; nos casos citados, teríamos: “*pulchros*”, “*Cethegos*”, “*triumphos*”, “*Carthaginem*”.

⁴⁷ A ideia tem algo de irônico: o estado fragmentário da poesia pré-socrática não implica apenas em um estado fracionado (gerando assim um estatuto intrinsecamente fragmentário) dos textos: uma fragmentação no âmbito da fenomenologia da leitura. Ela também fragmenta sua *intenção* e seu *uso*, logo, fragmenta sua retórica e sua isotopia (no sentido semiótico do termo). Assim, a dinâmica horaciana entre o *docere* e o *delectare*, que está em questão nesta última frase, precisa ser revista aqui para incorporar uma leitura de tipo “relicária”, quer dizer, descontínua, fracionada, incompleta.

⁴⁸ A *editio princeps* de Aristóteles, apenas em grego, é de Aldo Manúcio, e saiu em cinco volumes, entre 1495 e 1498. Mas dela não constava nem a Poética e nem a Retórica, publicadas por Aldo em 1508. Estienne publicou sua versão bilíngue (grego e latim) de algumas obras de Aristóteles em 1557. Ἐκ τῶν Ἀριστοτέλους καὶ Θεοφράστου. *Aristotelis et Theophrasti scripta quaedam, quae vel nunquam antea, vel minus emendata quam nunc, edita fuerunt*. Genève, 1557.

⁴⁹ É provável que Estienne se refira ao primeiro fragmento da sua coletânea: “E assim todos inalam e exalam: em todos há, sem sangue. | canais de carne à superfície do corpo estendidos, | e sobre os bocais destes com muitos poros está perfurada | a extrema superfície da pele, de modo que o sangue | contém-se, mas ao éter fácil passagem a través se abre. | Daí então quando sai precipitado o fino sangue, | o éter borbulhante precipita-se em onda impetuosa, | mas quando remonta, de novo exala-se ar, como uma criança | com clepsidra brincando, de reluzente bronze: | quando, o bocal do gargalo sobre a mão bonita pondo, | no mole corpo ela mergulha da água prateada. | nenhum líquido no vaso penetra, mas o impede | a massa de ar, de dentro caindo sobre os muitos orifícios, | até que ela destampa o fluxo comprimido: e em seguida, | desde que o ar cedeu, penetra em parte igual a água. | Assim também quando água ocupa o bojo do vaso de bronze, | e é fechado o bocal por mão humana, e então a passagem, | o éter de fora, dentro

filósofo Sexto (que ainda não foi publicado em grego⁵⁰) e de outros, preocupei-me em coletar todos eles e, depois, prosseguir igualmente com os poemas de outros físicos⁵¹. A Empédocles, porém, pensei em dar o primeiro lugar, não como o mais antigo de todos [*antiquissimo*], mas como o mais notável [*praestantissimo*]. Nessa espécie de prerrogativa de honra, segui também o julgamento de Lucrécio, que o dignificou com grandes elogios ao invés de outros. Ele escreve no Livro I:

*Somam-se a eles os que duplicam os primórdios das coisas,
ares jungindo ao fogo e terra às líquidas águas,
e os que pensam que tudo viria de quatro elementos*

querendo passar, retém o líquido | nas portas do gargalo estridente forçando os extremos, | até que ela deixa com a mão, e aí de novo, ao contrário de antes, | enquanto ar invade retira-se em parte igual a água. | Assim também o fino sangue se agitando pelos ombros, | quando refluindo sai precipitado para dentro, logo uma corrente de éter introduz-se em onda se lançando, | mas quando remonta, de novo exala-se ar igual ao de antes” (Aristóteles, *De respiratione*, 473 b = DK 31 B 100. Cf. Cavalcante de Souza, 1973, p. 239. As traduções de Empédocles na edição de Os Pensadores, usada aqui, são de Remberto Kuhnen).

⁵⁰ No repertório da *Poesis philosophica*, Estienne cita apenas dois fragmentos de Empédocles que recolheu de Sexto Empírico, ambos listados na p. 24 do volume (correspondendo a DK 31 B 136 e DK 31 B 137). Mas, no corpo do prefácio, e somente aqui, ele cita um terceiro, DK 31 B 103 (ver mais abaixo no texto). Esses dois únicos fragmentos que constam na p. 24 (como de hábito, Estienne indica a autoria dos fragmentos citados, mas não o título nem as seções das obras) são do mesmo livro IX do *Adversus mathematicos*: (...) οὐ παύσεσθε φόνοιο δυσηχέος; οὐκ ἔσοράτε ἀλλήλους δάπτοντες ἀκηδείησι νόοιο; [Não ireis parar com matança de sinistros ecos? Não vedes que uns aos outros vos devorais em desmazelos de mente?] (*Adversus Mathematicos*, IX, 127 = DK 31 B 136) || (...) μορφήν δ' ἀλλάξαντα πατήρ φίλον υἱὸν αἰείας σφάζει ἐπευχόμενος μέγα νήπιος· οἱ δ' ἀπορεῦνται λισσόμενον θύοντες· ὁ δ' αὖ νήκουστος ὁμοκλέων σφάξας ἐν μεγάροις κακὴν ἀλεγύνετο δαῖτα. ὥς δ' αὖτως πατέρ' υἱὸς ἐλὼν καὶ μητέρα παῖδες 137.10 θυμὸν ἀπορραΐσαντε φίλας κατὰ σάρκας ἔδουσιν. [De forma mudado o próprio filho o pai, erguendo-o, degola fazendo uma prece, grande tolo; e se perturbam o suplicante sacrificando; e surdo aos próprios clamores, feita a degola, prepara em casa infame festim. E assim mesmo o filho agarra o pai e as crianças a mãe, e a vida lhes arrancando, as próprias carnes devoram.] (*Adversus Mathematicos*, IX, 129 = DK 31 B 137. Cf. Cavalcante de Souza, 1973, p. 243-244. Traduções de Remberto Kuhnen). Como se sabe, os livros IX e X do *Adversus Mathematicos* (a obra completa é constituída por onze livros, nos quais Sexto expõe a crítica cética a diversos tipos de “dogmatismos”) denominam-se Πρὸς φυσικούς (*Contra os físicos*) e tratam, como o nome indica, dos filósofos físicos gregos. A *editio princeps* das *Hypotiposes Pirrônicas*, de Sexto Empírico, foi publicada em latim (“*Graece nunquam, Latine nunc primum editi* [ainda não em grego, mas agora pela primeira vez em latim]”) pelo próprio Estienne em 1562; entretanto, o conjunto do *Adversus mathematicos* foi impresso pela primeira vez, em latim, concomitantemente em Antuérpia, por Plantin, e em Paris, por Martin Le Jeune, em 1569, com texto estabelecido pelo humanista francês Gentian Hervet (1499-1584) – esta edição trouxe uma reimpressão da mesma tradução latina das *Hypotiposes* publicadas em 1562 por Estienne. Assim, quando fala do Sexto Empírico “ainda não publicado”, Estienne se refere exclusivamente ao texto grego, não ao texto impresso latino. Como a primeira edição integral em grego de Sexto Empírico veio a lume apenas em 1621, o texto de Estienne é a primeira publicação impressa desses fragmentos de Empédocles, provenientes do *Adversus mathematicos*, em língua grega.

⁵¹ Essa exposição do método relicário de Estienne deixa adivinhar antes a lógica do acaso e da *curiositas* humanista que propriamente uma coleta sistemática e exaustiva das fontes. Em todo caso, Estienne segue, em linhas gerais, o protocolo editorial da época, embasado não na exaustividade da *recensio*, mas na eleição de um *codex optimus*.

[p. 8] *e cresceria do fogo e da terra e do vento e da chuva.
Dentre os quais o primeiro é Empédocles Agrigentino,
ele que a ilha gerou entre as orlas tricornes das terras.*⁵²

E em alguns versos intercalados, nos quais ele [Lucrécio] declara algumas coisas que devem ser contempladas nela, acrescenta,

*Mesmo que ali nos pareça magnífico em muitas maneiras
e admirável às gentes humanas, destino gozoso,
rica de bens, e em muito munida em varões valorosos
nada, contudo, ali houve de mais preclaro que ele,
nem mais sagrado, jamais se mostrou, mais mirífico ou caro.
Pois, dessa forma, os poemas que saem de seu peito divino
vociferantes expõem suas descobertas preclaras,
tanto que mal se parece de estirpe humana criado.*⁵³

Mas a morte deste homem (dirá alguém) desonra a sua vida e, principalmente, a sua sabedoria:

*(...) Querendo ser tido como deus imortal,
Empédocles, já frio, se lançou ao ardente Etna.*⁵⁴

Entretanto, eu não penso que até mesmo Horácio acreditasse no que havia escrito; e, se alguém considerar atentamente essa passagem, perceberá que ele não recita esse evento como certo, mas como disseminado pela tradição ordinária [*vulgatum fama*], até que possa ser contestado. Sei que outros escritores relataram isso a respeito da morte de Empédocles, mas também sei muito bem que houve aqueles que os acusavam de ter mentido. No entanto, acredito que as seguintes palavras dele tenham concedido uma oportunidade para esse rumor ou fábula [*fabulae*],

Χαίρετ' ἐγὼ δ' ὑμῖν θεὸς ἄμβροτος οὐκέτι θνητός
πωλεῦσθαι μετὰ πᾶσι τετιμένος.⁵⁵

⁵² Lucrécio, *Da Natureza*, I, 712-717. Cf. Lucrécio, 2021, p. 66-67.

⁵³ Lucrécio, *Da Natureza*, I, 726-733. Ver Lucrécio, 2021, p. 67.

⁵⁴ Horácio, *Arte Poética*, 465. Ver Horácio, 2012, p. 162-163.

⁵⁵ “Saúdo-vos! Caminho entre vós como um deus imortal, e não como um mortal, reverenciado por todos”. Trata-se de uma frase do fragmento DK 31 B 112 (= Diógenes Laércio, *Vidas*, VIII, 62, cf. Diogenes Laertios, 2008, p. 242), fragmento normalmente estabelecido pelos especialistas como a passagem inicial do poema Καθαρμοί [Purificações], de Empédocles. Esse é o único fragmento pré-socrático de discurso direto citado por Estienne em todo o *Prefácio*: neste, à exceção do texto grego de Sexto Empírico, as citações são majoritariamente de discurso indireto e, na maioria das vezes, de autores *latinos* como Horácio, Lucrécio, Cícero etc. – autores que, por sua vez, não constam em seu repertório propriamente dito, organizado no

Eu suspeito que Horácio tenha-se referido a essas palavras quando escreveu,

(...) *Querendo ser tido como deus imortal,*
*Empédocles*⁵⁶.

E talvez o próprio escritor do qual veio essa história [*fabulam*] (como eu a chamo)⁵⁷ tenha acrescentado que Empédocles, ao esconder a própria morte, queria confirmar o que havia proclamado de si mesmo, ἐγὼ δ' ὑμῖν θεὸς ἄμβροτος⁵⁸. No entanto, como escreve prudente e eruditamente o filósofo Sexto, essas palavras não devem ser entendidas dessa maneira; devemos supor que há algo mais por trás delas. A passagem de Sexto (seu livro não foi publicado ainda⁵⁹) pareceu digna de ser citada,

ὁ μὲν γὰρ γραμματικὸς καὶ ὁ ἰδιώτης ὑπολήψονται κατὰ ἀλαζονείαν καὶ τὴν πρὸς τοὺς ἄλλους ἀνθρώπους ὑπεροψίαν ταῦτ' ἀνεφθέγγχθαι τὸν φιλόσοφον, ὅπερ ἀλλότριόν ἐστι τοῦ καὶν μετρίαν ἔξιν ἐν φιλοσοφίᾳ ἔχοντος, οὐχ ὅτι γε τοῦ τοσούτου ἀνδρός⁶⁰.

ὁ δὲ ἀπὸ φυσικῆς ὁρμώμενος θεωρίας, σαφῶς γινώσκων ὅτι ἀρχαῖον ὅλως τὸ δόγμα ἐστί, τοῖς ὁμοίοις τὰ ὅμοια γινώσκεισθαι (ὅπερ ἀπὸ Πυθαγόρου δοκοῦν κατεληλυθέναι κεῖται μὲν καὶ παρὰ Πλάτωνι ἐν τῷ Τιμαίῳ, εἴρηται δὲ πολὺ πρότερον ὑπ' αὐτοῦ Ἐμπεδοκλέους)⁶¹.

corpo do livro. Vê-se, portanto, uma diferença importante entre o modelo citacional do *Prefácio* e as fontes concretamente utilizadas na *Poesis philosophica*, que só utiliza fontes em grego. E essa é a tônica, tanto para Empédocles quanto para os outros filósofos da coletânea: o latim sendo usado, quase sempre, nos comentários introdutórios dos fragmentos, que são de autoria do próprio Estienne, e o grego constituindo concretamente o corpo dos fragmentos pré-socráticos da coletânea. Ainda assim, o trecho de DK 31 B 112, em grego, que teria a “voz” de Empédocles, funciona mais propriamente como anotação “autobiográfica” do que como exemplo efetivo de uma investigação poética da *physis*, que é o que está em jogo no prefácio.

⁵⁶ Horácio, *Arte Poética*, 464-465. Ver Horácio, 2012, p. 162-163.

⁵⁷ A operação “evemerista” de Estienne, desmitologizando a morte de Empédocles, está em sinergia com a metodologia de seleção dos fragmentos aplicada a ele na coletânea. A escolha do texto grego de Sexto Empírico como guia biográfico desmitologizante e cético, por exemplo, tem o duplo efeito de considerar o anedotário *latino* sobre Empédocles pouco confiável (talvez de “segunda mão”) e, por outro lado, reconduzir a língua grega como princípio unificador do tipo de fonte mais segura para a coletânea.

⁵⁸ “*Eu sou um deus imortal para vocês*”. Trecho do poema Καθαρμοί [Purificações] (fragmento DK 31 B 112), de Empédocles, retirado de Diógenes Laércio (*Vidas*, VIII, 62), citado mais acima.

⁵⁹ Em 1573, as únicas edições impressas disponíveis de Sexto Empírico eram as traduções latinas.

⁶⁰ “(...) Gramático e homem comum iriam supor que o filósofo se expressou assim por ser pretensioso e desprezar os outros homens – comportamento que seria estranho mesmo em alguém medianamente versado em filosofia, sem falar de um homem dessa envergadura” (Sexto Empírico, *Adversus mathematicos*, I, 302. Ver Prezotto, 2015, p. 190).

⁶¹ “Mas, quem parte da teoria natural compreende claramente que a doutrina de que pelo similar se conhece o similar é realmente antiga; procede, supõe-se, de Pitágoras, e aparece mesmo no *Timeu* de

(...) συνήσει ὅτι ὁ Ἐμπεδοκλῆς θεὸν ἑαυτὸν προσηγόρευσεν, ἐπεὶ μόνος καθαρὸν ἀπὸ κακίας τηρήσας τὸν νοῦν καὶ ἀνεπιθόλωτον τῷ ἐν ἑαυτῷ θεῷ τὸν ἑκτὸς θεὸν κατείληφεν⁶².

Certamente, eu não tenho dúvidas de que o próprio Sexto julgou que os rumores acerca da morte de Empédocles deveriam ser considerados uma história [*fabula*] totalmente absurda⁶³. Essa questão deve permanecer incerta, mas a aguçada sagacidade de Empédocles e sua extrema perspicácia nas coisas naturais podem ser demonstradas mesmo pelas relíquias [*reliquiis*] que este pequeno livro contém⁶⁴, se alguém quiser (como diz o provérbio) “conhecer um leão pela sua garra”⁶⁵.

Platão, além de ter sido expressa muito antes pelo próprio Empédocles (...)” (Sexto Empírico, *Adversus mathematicos*, I, 303. Ver Prezotto, 2015, p. 190-191).

⁶² “(...) [Pois pela terra entendemos a terra, pela água a água, pelo éter o éter divino, e pelo fogo o fogo que destrói, pelo amor o amor, e a violência pela violência que corrompe; assim, esse homem compreenderá que] Empédocles nomeou a si mesmo ‘deus’ porque somente ele preservou sua mente livre de maldade e impureza, e compreendeu o deus exterior através do deus em si mesmo” (Sexto Empírico, *Adversus mathematicos*, I, 303. Ver Prezotto, 2015, p. 191).

⁶³ O termo *fabula*, que inicialmente serviu, como sinônimo de *mythos*, para designar uma operação epistemológica de separação entre história e o que chamaríamos hoje de “ficção”, aqui serve como um tipo de indicador evemerista e cético (o fato de ser Sexto Empírico a fonte não deixa de ser ainda mais divertido) de depuração da biografia fabular de Empédocles.

⁶⁴ Com a expressão “que este pequeno livro contém”, Estienne, claro, refere-se à sua própria coletânea. Desse modo, o termo latino *reliquiae* serve, no texto de Estienne, como indicador técnico, sinônimo de “coletânea de fragmentos”. Em latim clássico, *reliquiae* não é usado como correspondente do que chamaríamos hoje de “fragmento” no sentido textual, mas apenas no sentido de resíduo, resto de uma coisa, de um objeto, de comida etc. No latim medieval, o termo ganhou o sentido usado comumente na cristandade para se referir ao mundo hagiográfico (reliquia dos santos etc.).

⁶⁵ *Ex ungue leonem aestimare libeat*. A ideia subjacente ao provérbio é atribuída por Luciano de Samósata, ao escultor grego Fídias: ἐμοὶ δὲ καὶ πάνυ ῥᾶδιον εἶναι δοκεῖ τὸ τοιοῦτον καὶ οὐ πολλῆς διατριβῆς δεόμενον. φασὶ γέ τοι τῶν πλαστῶν τινα, Φειδίαν οἶμαι, ὄνυχά μόνον λέοντος ἰδόντα ἀπ’ ἐκείνου ἀναλελογίσθαι, ἥλικός ἂν ὁ πᾶς λέων γένοιτο κατ’ ἀξίαν τοῦ ὄνυχος ἀναπλασθεῖς [Ora, tal processo afigura-se-me bastante simples e não requer muito tempo. Conta-se até que certo escultor (creio que Fídias), ao ver apenas uma unha de leão, por ela calculou qual seria o tamanho de todo o leão, desde que modelado na escala da unha. Tu próprio, se alguém te mostrar apenas uma mão humana, escondendo o resto do corpo, saberás imediatamente, creio eu, que a parte escondida é dum homem, ainda que não vejas o corpo todo] (*Hermotimo, ou as Escolas Filosóficas*, 54. Ver Luciano de Samósata, 2012, p. 264). Plutarco atribui a formulação dessa ideia (ἐξ ὄνυχος τὸν λέοντα’ γράφοντας) ao poeta lésbio Alceu: Θαυμασάντων δὲ τῶν παρόντων, τοῦ δὲ Δημητρίου καὶ γελοῖον φήσαντος εἶναι ἀπὸ μικρῶν πραγμάτων οὕτω μεγάλα θηρᾶν, οὐ κατ’ Αλκαῖον ἐξ ὄνυχος τὸν λέοντα’ γράφοντας, ἀλλὰ θρυαλλίδι καὶ λύχνῳ τὸν οὐρανὸν ὁμοῦ καὶ τὰ σύμπαντα μεθιστάντας καὶ τὴν μαθηματικὴν ἄρδην ἀναιροῦντας, ὁ Κλεόμβροτος ‘οὐδέτερον’ ἔφη ‘τούτων διαταράξει τοὺς ἄνδρας [Diante dos presentes, e ao dizer que Demétrio está rindo por considerar ridículo que alguém, a partir de assuntos triviais, persiga grandes conquistas, não como Alceu ‘sobre pintar um leão a partir das unhas’, mas agitando uma folhinha e uma lâmpada, movendo juntos o céu e todo o cosmos, e dismantelando a matemática habilmente, Cléombroto disse: ‘Nem um nem outro destes homens perturbará o equilíbrio’] (Plutarco, *De defectu oraculorum* 410c2 = Alcaeus, fr. 438 [ed. Campbell, Loeb, p. 433]). Esse provérbio foi anotado e comentado por Erasmo, em uma forma ligeiramente diferente: *Leonem ex unguibus aestimare*. (*Adagia*, #834 = I, 9, 34. Ver Erasme, 2013, Vol. 1, p. 633-634).

No entanto, seja como for, quis te dedicá-las, para que, assim como me honras com tua amistosa recordação, depois de tanto tempo (pois muitos anos se passaram desde que tive a oportunidade de ver-te em Augusta⁶⁶), eu também pudesse mostrar que de ti me lembro. No entanto, quero que saibas que eu não apenas me lembro de ti (pois isso é algo que posso ter em comum com inúmeros outros, que, de ti, têm a memória constantemente renovada por conta de teu livro, mais elegante e erudito, a respeito da genealogia das famílias romanas, que todos, é claro, têm à mão todos os dias), mas também te aprecio com o amor e com todo o respeito que te devo⁶⁷. Adeus!

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.

ARMSTRONG, Elizabeth. *Robert Estienne, Royal Printer*. An historical study of the elder Stephanus. Cambridge: Cambridge University Press, 1954.

BOCCACCIO, Giovanni. *In defence of poetry*. Genealogiae Deorum Gentilium Liber XIV. Edited from University of Chicago Ms. 100 by Jeremiah Reedy. Toronto: Centre for Medieval Studies, 1978.

CASTELVETRO, Lodovico. *Poetica d'Aristotele Vulgarizzata e Sposta*. Ed. Werther Romani. 2 Vols. Bari: Laterza, 1978.

CAVALCANTE DE SOUZA, José (ed.). *Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. [Os Pensadores, 1]

CICERO, Marcus Tullius. *De Oratore*. Ed. Kazimierz Kvmanieki. Leipzig: Teubner, 1969.

⁶⁶ Augsburg (a *Augusta Vindelicorum* dos antigos romanos), na Suábia (Baviera). Augsburg era a sede dos empreendimentos da família Fugger: em 1573, Ulrich Fugger era o mecenas e protetor de Henri Estienne. Para o contexto ver Mandrou, 1969.

⁶⁷ Embora o parágrafo contenha o esperado estilo protocolar com que se finalizaria uma carta no século XVI, o fato desse fechamento retórico se constituir em torno da memória de alguém que, ao que parece, só se viu um única vez e cuja *persona* pública é construída a partir de uma obra impressa, publicada pelo próprio Estienne (*Gentium et familiarum Romanarum stemmata*, 1559), que “todos têm à mão”, traz ressonâncias no significado da própria antologia, em seu sentido arqueológico e em seu significado último. Conjugando fato histórico, memória e os laços afetivos e intelectuais que ligam o presente e o passado, a lembrança, aqui, deixa de ser uma mera impressão dos afetos, imposta pelo “longo intervalo de tempo” (*longum temporis intervallum*), entre dois homens, para se constituir concretamente em livro e texto. Estienne constroi a ponte entre as duas coisas em seu prefácio, anunciando, indiretamente, que sua operação doxográfica dos pré-socráticos é parte do mesmo processo de depuração entre a memória, a fábula e as relíquias textuais que os livros conservam desse processo de interação.

CLÉMENT, Louis. *Henri Estienne et son œuvre française*. Paris: Picard et fils, 1898.

CLÉMENT D’ALEXANDRIE. *Stromates V*. Edition critique d’Alain Le Boulluec. 2 Vols. Paris: Cerf. 1981.

CORDERO, Néstor-Luis. La version de Joseph Scaliger du poème de Parménide. *Hermes*, v. 110, n. 4, p. 391-398, 1982.

DELARUE, Fernand. Les noms de la prose en latin. In: GUEZ, Jean-Philippe; KASPRZYK, Dimitri (ed.). *Penser la prose dans le monde gréco-romain*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2022, p. 15-28. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.pur.176709>. Acesso em : 16 mai. 2016.

DIELS, Hermann. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1903.

DIELS, Hermann; Kranz, Walther. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. 3 Vols. Hildesheim: Weidmann, 1960.

DIOGENES LAERTIOS. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Trad. Mario da Gama Kury. Brasília: Editora UnB, 2008.

EIGLER, Ulrich. Fragmente für Freunde? Die vorsokratischen Philosophen in den *Adagia* des Erasmus von Rotterdam. In: HELLMANN, Oliver; STROBEL, Benedikt (ed.). *Rezeptionen der Vorsokratiker von der Antike bis in die Gegenwart*. Berlin: De Gruyter, 2022, p. 265-290.

ERASME, Didier. *Les adages*. Traduction de Jean-Christophe Saladin. Vol. 1. Paris: Les Belles Lettres, 2013.

ERASMUS, Desiderius. *Opera omnia Desiderii Erasmi Roterodami*. Ordo primus, tomus sextus. Critical edition of Betty Knott. Amsterdam: Elsevier, 1988.

ERNOUT, Alfred. *Morphologie historique du latin*. Paris: Klincksieck, 1953.

FEUGÈRE, Léon. *Essai sur la vie et les ouvrages de Henri Estienne*. Paris : Jules Delalan, 1853.

GONÇALVES, Soraia. Contributos para a definição do orador ideal. Estudo e tradução do *Orador* de Cícero. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Clássicos) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2017.

GOYET, Francis (ed.). *Traité de poétique et de rhétorique de la Renaissance*. Paris : Librairie Générale Française, 1990.

GROSSMANN, Karl. *Reichart Streun von Schwarzenau*. Ein österreichischer Staatsmann und Gelehrter aus der Zeit der Renaissance, Reformation und Gegenreformation. Wien: Verein für Landeskunde und Heimatschutz, 1927.

HOCHEDLINGER, Michael; MATA, Petr; WINKELBAUER, Thomas. *Verwaltungsgeschichte der Habsburgermonarchie in der Frühen Neuzeit*. Band 1. Wien: Böhlau, 2019.

HORÁCIO. *Arte Poética*. Trad. de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2012.

JAVITCH, Daniel. The assimilation of Aristotle's Poetics in sixteenth-century Italy. In: NORTON, Glyn (ed.). *The Cambridge History of Literary Criticism*. Vol. 3. The Renaissance. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 53-65.

JOUKOVSKY, Françoise (ed.). *Henri Estienne*. Actes du Colloque organisé à l'Université de Paris-Sorbonne le 12 mars 1987 par le Centre V. L. Saulnier, Université de Paris Sorbonne et l'École normale supérieure de jeunes filles. Paris : Presses de l'École normale supérieure, 1988.

LAKS, André. *The Concept of Presocratic Philosophy*. Its Origin, Development, and Significance. Translated by Glenn Most. Princeton: Princeton University Press. 2018.

LAWRENCE, Francis. The Rhetorical Tradition in French Renaissance Poetics. *Revue belge de philologie et d'histoire*, v. 51, n. 3, p. 508-516, 1973.

LE CARON, Louis. *Dialogues*. Ed. critique de Joan Buhmann et Donald Gilman. Genève: Droz, 1986.

LUCRÉCIO. *Da Natureza*. Tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021.

LUCRETIUS. *Titi Lucretii Cari De Rerum Natura Libri Sex*. Ed. Dyonisio Lambino. Paris: Rouilli, 1563.

LUCIANO DE SAMÓSSATA. *Luciano II*. Trad. Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

MANDROU, Robert. *Les Fugger, propriétaires fonciers en Souabe (1560-1618). Étude de comportements socio-économiques à la fin du XVI^e siècle*. Paris: Plon, 1969.

MANSFELD, Jaap. Doxography and Dialectic. The *Sitz im Leben* of the “*Placita*”. *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt* (ANRW). Teil II, v. 36, n. 4, p. 3057-3229, 1990.

MANSFELD, Jaap. Ancient Philosophy and the Doxographical Tradition. In: PERILLI, Lorenzo; TAORMINA, Daniela (ed.). *Ancient Philosophy*. Textual Paths and Historical Explorations. London: Routledge, 2018, p. 41-64.

MULLACH, Friedrich. *Fragmenta philosophorum graecorum*. 3 Vols. Paris: Didot, 1860.

OVERDUIN, Floris. *Nicander of Colophon's Theriaca*. A Literary Commentary. Leiden: Brill, 2014.

PANOFSKY, Erwin. Artist, Scientist, Genius: Notes on the Renaissance-Dämmerung [1952, revisto em 1962]. In: FERGUSON, Wallace (ed.). *The Renaissance: Six Essays*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1962, p. 121-182.

PAGE, David. *Poetae Melici Graeci*. Oxford: Clarendon Press, 1962.

PLUTARCO. *Como deve o jovem ouvir os poetas?* Trad. de Marta Isabel de Oliveira Várzeas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.

PREZOTTO, Joseane. *Sexto Empírico: Contra os Gramáticos*. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

PRIMAVESI, Oliver. Henri II Estienne on Greek Philosopher Poets: An Epistle Dedicatory as a Model of Early Modern Paratextuality. In: HUSS, Bernhard; MARZILLO, Patrizia; RICKLIN, Thomas (ed.). *Para/Textuelle Verhandlungen zwischen Dichtung und Philosophie in der Frühen Neuzeit*. Berlin: De Gruyter, 2011, p. 157-196.

QUINTILIANO, Marco Fábio. *Instituição Oratória*. Trad. Bruno Bassetto. Tomo IV. Campinas: Editora Unicamp, 2016.

ROBORTELLO, Francesco. *In librum Aristotelis De Arte Poetica Explicationes*. Florentiae: In Officina Laurentii Torrentini, 1548.

ROSKAM, Geert. Philoxenus Once Again. *The Classical Quarterly*. New Series, v. 56, n. 2, p. 652-656, 2006.

RUNIA, David. Doxographie. In: CANCIK, Hubert; SCHNEIDER, Helmuth (ed.). *Der Neue Pauly*. Enzyklopädie der Antike. Band 3, Cl-Epi. Stuttgart/Weimar: J. B. Metzler, 1997, col. 803-806.

SALADIN, Jean-Christophe. *La bataille du grec à la Renaissance*. Paris: Les Belles Lettres, 2000.

WEINBERG, Bernard (ed.). *Trattato di Poetica e Retorica del Cinquecento*. 4 Vols. Bari: Laterza, 1970.